

ASSIGNATURA
12 números 8\$000
n.º avulso — 1\$000

D. SECRETARIO
PERILLO GOMES

A Ordem

(ORGÃO DO CENTRO D. VITAL)

DIRECTOR
JACKSON DE FIGUEIREDO

Toda a correspondência deve ser dirigida para
a
RUA RODRIGO SILVA, 7
RIO DE JANEIRO

O BRAZIL DE HOJE

(Conferencia realizada pelo nosso Director, a convite do Curso Jacobina, no dia 31 de Agosto).

Celebraremos dentro de breves dias e, como não comover-nos? — o primeiro centenario da independencia política da nossa patria, não sendo, assim, fóra de propósito tentar apprehender, em conjunto, o que ella é hoje, de facto, no mais vasto scenario do mundo, em face da civilisação ou dos ideaes que a esta correspondem; indagar se, até agora, nada mais temos feito que os reflectir de imperfetissimo modo, ou se elles, realmente, se revêem em nós se em nós vivem vida superior, se lhes temos acrescentado mesmo alguma força propria, que brazileiramente os caracterise.

Certo jamais vos poderia passar pela mente, ao nos chanardes a esta tribuna que, como economista, ou mesmo como historiador ou geographo, vos fallasssemos. Certo, da humildade do nosso labor intellectual so uma cousa ter-vos-á ferido a attenção: a confiança com que uma vontade, posta a serviço de uma doutrina — a mais alta, a unica verdadeiramente santá e invencivel — busca medir a extensão dos males que as demais doutrinas têm feito ao Brazil, pondo sempre em relevo, entretanto, tudo quanto representa força, vigor, saúde moral da nacionalidade isto é, tudo quanto nella diz de sua intima ligação á unidade da civilização christã. E é deste ponto de vista que consideraremos o Brazil de hoje e esperamos em Deus não se vos afigure elle, em si, tão mesquinho como o é, realmente, o seu propugnador, que vos falla. De facto, nem mesmo a ideia de patria terá nunca a grandeza e a beleza que lhe são proprias, senão levada a essa ordem moral que vem a ser como que à eminencia de onde se olhe e se avalie tudo o que na planicie immensa é conquista de ordem material, o que vulgarmente chamamos progresso, objectivação do nosso esforço economico, commercial, industrial e mesmo politico, no quadro das realizações collectivas de policiamento de costumes, de protecção aos que della necessitam.

Pois bem, subamos por um instante a essa eminencia e fieis no amor da verdade, tentemos ter uma ideia do que somos, do que sabemos, a esta hora em relação ao que fomos e ao que pensamos que poderemos ser no seio da civilização occidental.

O Barão do Rio Branco assim terminava o seu «Esboço de historia brazileira», publicado em 1889.

«A FUNDAÇÃO DO CENTRÔ D. VITAL, É UM ACONTECIMENTO DE GRANDE ALCANCE RELIGIOSO E SOCIAL PARA O BRAZIL. PEDINDO A N. SENHOR QUE ABENÇOE OS ESFORÇOS DO SR. DR. JACKSON DE FIGUEIREDO, O INICIADOR DESSA GRANDE OBRA, APPROVAMOS OS SEUS ESTATUTOS.

A TODOS OS CATHOLICOS, PRINCIPALMENTE AOS QUE SE INTERESSAM PELA RESTAURAÇÃO ESPIRITUAL DOS NOSSOS INTELLECTUAES, RECOMMENDAMOS O CENTRÔ D. VITAL».

† SEBASTIAO.

Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro.

—○—

no livro organizado por Sant'Anna Nery para a Exposição universal de Paris:

«Ha quarenta annos, o Brazil, pacificado no interior, faz grandes esforços sob a direcção do Imperador D. Pedro II, no sentido de espalhar a instrucção, elevar o nível do ensino, desenvolver a agricultura, a industria, o commerçio, e tirar partido das riquezas naturaes do seu solo com a construcção de linhas ferreas, o estabelecimento de linhas de navegação e favores concedidos aos imigrantes. Os resultados obtidos já são consideraveis; em nenhuma parte da America, salvo nos Estados Unidos e no Canadá, a marcha do progresso tem sido mais firme e mais rápida».

Notae bem: nunca um historiador pôde parecer mais confiante na conclusão optimista de uma longa serie de premissas — digamos assim — todas favoraveis á consolidação de uma dada ordem de cousas. Ora nunca um historiador, acertando, aliás esteve mais perto do erro, mais estranho mesmo aos processos que levan á realidade, quando essa realidade, que se quer apprehender, é a da verdadeira vida das Ora nynca um historiador, acertando, aliás, esteve mais no tecido das suas forças interiores, dos seus mais intimos estados de consciencia do que nas suas obras, na face pouco significativa das cousas já realizadas, postas á luz do sol.

Esquecia Rio Branco, no seu optimismo, que o Brazil, criação que fôra da civilização cathólica — talvez mesmo a sua mais bella criação deste lado do Oceano, como que penetrara o seculo dezenove com a mesma pessima cegueira de que se resentia a Metrópole: quero dizer: a deschristianização, mais ou menos hypocrita, do seu escoi intellectual, preparava-o para a revolução e o seu treinando correctivo pagão: o cesarismo. É um facto que a Revolução, a que me refiro, nada tem que ver com a chamada revolução que libertou o Brazil. Esta, não o foi, na sua essencia. Foi antes, com a queda das cadeias de um domínio que era tanto mais aviltante quanto nada mais significava então que o domínio do fraco sobre o forte, foi antes, digo, a Revelação da nossa soberania, como que a definição dos «dogmas nacionaes» para usar da expressão telecissâna de um homem dessa época, o nunca bastante louvado autor das «Considerações sobre a França»... Elle, ás revoluções como aquella, tambem não se pejava de chamar sagradas e legítimas na sua extrema raridade. A outra, a que me referi com o justo horror que lhe deve ter todo homem christão, e que se fizera como que a atmosphera envolvente e envenenadora da justa, da unica legítima revolução brasileira — porque justa e legítima tambem na vida de todos os povos — essa outra revolução, com que logo nos diminuimos na posse da nossa autonomia, era o que ainda é hoje: a da negação mais ou menos desfarçada dos direitos de Deus e de sua Egreja no governo dos homens, dando como resultado pratico o maior e mais pesado domínio do homem sobre o homem, verifique-se elle na acção mais ou menos grosseira da populaçā sobre una hierarchia periclitante ou na elegancia criminosa das aristocracias pagās, pará as quaes é o povo meio de satisfaçā egolatrica e não deposito da confiança divina. Não via Rio Branco que nós brasileiros, apōs as lutas mais ou menos intenses do primeiro reinado — conseguida sob a regencia como que a legitimação objectiva da nossa autonomia politica, tão traços vinham sendo, no entanto, os principios inspiradores de toda a política do segundo reinado, a que cobria de louvores, que nos deparavam de novo sob a ameaça de uma sobrepotencia recolonização de ordem social — que dono é quem, nesta ordem, é o senhor de fortuna — dado que Pedro II jánais soubera esquivar-se, como homem de governo, desse plano inclinado em que o regalismo se deixá arrastar pela Revolução, isto é, pela negação misma da autoridade na sua expressão legítima e sagrada.

Foi assim que a Republica se fez no Brazil.

Não ha condennai-a em si, maximé se pensamos que, aceitada ou erradamente, ella era a aspiração de nosso escoi de agitadores politicos, desde 1710, desde as primeiras mais fortes manifestações do nosso antagonismo com o povo portuguez.

Ha, por conseguinte, una só cousa a registrar: impunha-se-nos a Republica com um terrivel mal de origem: a herança que lhe deixara a monarchia. Filha de facit victoria, da quasi ridicula victoria da indisciplina de alguns militares contra uma autoridade que vinha, ha annos, se despindo de toda a magestade que lhe era propria, feliz de se mostrar duvidosa, descuidosa de si mesma, pareceu a principio que retrogradavam cem annos, ou melhor, que nos

iamos atundar no lamaçā e na sangueira das tropelias politicas mais funestas e mais enfraquecedoras. Houve realmente um crepusculo na vida nacional. Poude-se ver, então, sob o horizonte de chumbo, cortado de raios purpures, um monstrosso sabbat de duvidas e negações, e pairar sobre tudo a azia semelhante do «renverso social», o angustioso estado de espirito collectivo de que nos fallava Traparelli. Viu-se então o esquecimento de que a Republica fôra uma lenta composição — feliz ou infeliz, não importa — da consciencia civil da nação; viu-se então a proclamação, mais do que affrontosa, de que ella era a «avontade» de alguns soldados aventureiros impostos a um povo «bestificado», e os grupilhos a arder na mesma incerteza vaidade de mando, pareciam dispostos a despedaçarem a unidade da pátria nas pontas aceradas dos seus philosophismos de caserna ou de club, para gloriola das egrejinhas e apostolados de paranoia mais ou menos revolucionaria.

Não tinha que ser assim, porém, ao saber da mediocridade, do pedantismo e da loucura, a nossa historia destes ultimos trinta annos. Não ha negar, nem seria eu que o tentasse por força de intelligente optimismo, não ha negar que não são poucos os males que nos atormentam e os problemas de extrema gravidade que nos restam ainda a resolver e para os quaes não tivemos até agora, nem a coragem de olhar com firmeza. Mas a verdade é esta que vos vou dizer e só a negaré o gosto amargo da negação pela negação ou adeantada miopia: tem, paradoxalmente, cabido á Republica, isto é, a um regimen que se costuma casar sempre a mentalidade revolucionaria, tem cabido á Republica o refazer no Brazil o sentimento da autoridade, a consciencia da lei, o que equivale dizer, a vida normal da sociedade, a physionomia christã da sua civilização, por conseguinte: o espirito que, unico, pode «encaminhar a aspiração na via da tradição», tal como tão conscientiosamente dizia ha dois annos o sr. Afonso Penna Junior — e assegurar-nos, assim, a unidade da pátria.

As iras da legião retrógrada, foste testemunha ha pouco: repetindo Floriano, repetindo Rodrigues Alves, poude o sr. Epitacio Pessôa oppor a energica mas serenissima defesa da lei. E quando se levar em conta que, tanto Rodrigues Alves como o actual Chefe da Nação, foi do proprio Exercito que se valeau para abater o caudilhismo, não se poderá negar sem leviandade ou morbido pessimismo, que, para o Brazil, souo, justo á hora do seu primeiro centenario de independencia politica, a da sua mais consciente vida introspectiva, em que parece está a aprofundar «o que é» nas canadas mais solidas «do que foi», como povo de christianissâna origem, onda altaiva sob o céo do mundo occidental, em que se fundiram, na mesma fé cathólica, os mais oppostos heroismos!

Sim: não nos lastimemos do que somos hoje. Olhemos com fé para o futuro: Não somos nós, por natureza, mais amigos da poesia, mais inclinados ás cousas do espirito; que os nossos, actualmente archipoderosos, irmãos de Norte America? Sim: temos crescido em força bem mais lentamente, mas também porque esquecer que mais lentamente vamos conhecendo as misérias do febril industrialismo que a elles talvez devora? E, ainda assim, que não temos feito de grande sobre o solo da America? Não será uma das maravi-

llas do bitâno de um economizou e ond o povo que no norte triotico brasileiro terra tan as cidades deste, rasilha existem inuiu econo no co mento não te ção, P contem econo justiça.

Res um so quecidado não s de um Sob a tinhamb seculo de um quem car q estava que n no qu vida o

Ap ração, nesta der, q bai ex menos sobre. «A Muricy duvida nista aiguana vei, s fluênci individua perpas regina No factio inesma sente, racter, de po Cruz, prime como

queira das tropas enfraquecedoras, da nacional. Pouco chumbo, corruoso sabbat de tudo a aza sonoro do estado de es- Traparelli. Viu-se publica fôra uma não importa — então a proclamação que ella era a fôrmos imposta a os a arder na pareciam dis- patria nas pon- de caserna ou apostolados de

ao saber da lucura, a nossa o ha negar, nem intelligente optimicos os males de extrema gravidez e para os a coragem de esta que vos cargo da nega- ta: tem, para- é, a um regi- mentalidade re- o refazer no consciencia da anal da socie- civilização, por de «encaminhar omo tão cons- Aftonso Penna midade da pa-

testemunha ha- drigues, Alves, energica mas levar em con- o actual Chefe que se valera- rá negar sem para o Brazil, tenario de in- consciente vida aprofundar «o que foi», como activa sob o diram, na mes- troismos!

os hoje. Olhem-nos, por nãos inclinados ás abnmente archi- : temos cresci- também por- os conhecendo a elles talvez eito de grande a das maravil-

lias do mundo este Rio de Janeiro mesmo, em que habitamos? Que falta a S. Paulo para ser a capital de um grande povo, o centro de trabalho, de esforço económico de um grande paiz? Que peço já mais realizou obra mais grandiosa, nem mais bella, sobretudo em duas ou tres dezenas de annos, que a que fez o povo mineiro com a sua Capital? E não pareis, vós que me ouvdes, olhae do extremo sul ao extremo norte e não vos deixará decrescer o entusiasmo patriótico a affirmação de vida progressiva da nação brasileira nestes centos de independência. Sobre a terra ainda pouco firme da Amazonia — que importam as provações deste ou daquelle momento? — vereis cidades poderosas — sobre o chão resequido do Nordeste, já, imponente, a obra humana! E quando maravilhados dos aspectos puramente exteriores de nossa existencia, quizerdes ir mais fundo, penetrar o domínio mesmo de nossa vida interior, do que somos como consciencia, como espírito, na «magna civitas» no conjunto da civilização christã, nem por um momento vos esmoreça a ancia indagadora, nada temais, não tereis de que vos envergonhar. A nenhuma nação, podemos assim dizer, a nenhuma nação na vida contemporanea, tem talvez cabido papel tão importante como á nossa, na expansão do Direito, da idéa de justiça, nas relações entre os povos.

Resultado da mais singular fusão de raças, sobre um solo, quatro séculos atraç inculto e como esquecido da Providencia, nada ha que estranhar em não sermos já possuidores de uma litteratura capaz de universalizar-se nas suas mais poderosas creações. Sob a onda de anargos philosophismos, de que se tinham impregnado as nossas letras, no decorrer do século XIX, e a tal ponto, que davam a impressão de uma antecipada velhice, o observador de bôa fé, quem tivesse realmente olhos de ver, poderia verificar que, resistente e impenetrável a toda desordem, estava o velho, o herdado fundo christão, que é o que nos irmana e integra ao mundo, á sua historia, no que ella tem de mais bello, e mais alto, «de vida que não morre», como diria Chamberlain.

Apraz-nos citar agora um escriptor da nova geração, para que se veja que não estamos isolados nesta verificação de ordem historica, que tem o poder, quando perfeitamente expressa, de dar a mais cabal explicação de alguns dos mais complexos fenómenos de que resulta a grande esperança, que paira sobre o Brazil de hoje.

«Affirma-se constantemente — diz o Sr. Andrade Muricy — que o Brazil não tem tradições. Não ha dúvida que temos mais que construir do que conservar nesta nação. Será isto justa razão para abandonarmos alguma cousa legítima já conquistada? Povo plasma-ve, sujeito, como os adolescentes a todas as influencias exteriores, esquecemo-nos de conservar nossa individualidade, nosso carácter proprio, em meio do perpassar kaleidoscopico das modas e das vogas peregrinas».

Nossa individualidade, nosso carácter proprio... O facto é que já o temos, facilmente reconhecível na mesma produção litteraria, que é o que mais se resente, no Brazil, de estranhas influencias. Esse carácter, essa individualidade é — como negar? — o de povo christão, conquistador, sob os auspícios da Cruz, de uma terra que, se não é, toda ella, propriamente, «um jardim em floresta e bosques» — tal como lhe chamava o santo poeta missionário — nem

muito menos o inferno desmoralisante da energia de todas as raças — tal como tantos, que a não conhecem, supõem e escrevem — é tão extraordinario motivo de humanas ambições que muito devemos animar a nossa, para que nunca lhe tome a deanteira a de estranhas gentes, nem sempre, tanto como nós respeitadores de direito e justiça.

Esse carácter foi o que fez no Brazil, do romanticismo, tão pernicioso ás sociedades europeias, uma reacção caracteristicamente nossa e, ao mesmo tempo, christã, mesmo nas suas manifestações mais desordenadas e apparentemente hostis á Egreja — porque o que elle foi, sobretudo, com toda a sua apologia do individuo e da intemperança, foi o protesto da nossa consciencia collectiva contra o scientificismo mal aprimorado com que nos havia presenteado o culto revolucionario da Encyclopédia e seus pedantissimos copípheus, assim, como que a proclamação de nossa autonomia mental. O veneno, ás vezes, tambem cura. A fraqueza do mal — já o notara Bossuet — está em que acaba por se voltar contra si mesmo. De que, quando assim não se não destroe, vale-nos o seu excesso, temos prova tambem em nossa propria historia. Jamais dera povo algum este espectáculo de ridículo que constituiu, por assim dizer a nossa maxima manifestação intelectual, nos primeiros annos do regimen republicano: a quase officialisação de uma acanhada seita philosophica, de uma pretenciosa forma de scepticismo revolucionario, erigida em guia e conselho da nação! Parece incrivel! Pois bem: ao excesso de ridiculo teve o mal que ceder. De toda a parte foram violentas as contradictas, que soffreu, e ás lições da Egreja, não, pouco ajudaram, na sua destruição, fossem as desabusadas negações de Tobias Barreto e Silvio Rorino, fossem os esforços isolados de Farias Brito, em prol do renascimento da espiritualista nas letras brasileiras.

Tem razão, pois, senhores, o Sr. Ronald de Carvalho, outro escriptor da nova geração, quando, do balanço mesmo da nossa litteratura, em todos os ramos, pôde concluir, e com desassombro o disse que já «o Brazil representa una força nova da humanidade» e possue «uma civilisação mais ou menos definida, onde predominam, é certo, as influencias européias, mas onde já se vislumbram varios indicios de uma proxima autonomia intellectual, de que a sua litteratura, já consideravel e brillante, constitue a melhor e mais decisiva prova».

Imaginamos que, se de todo não nos falhou a expressão, vos temos dito que cremos no Brazil, neste Brazil de hoje, sobre o qual me quisestes ouvir e maior grado a epopeia de pessimismo em que alguns de seus filhos, e, ás vezes dos mais notaveis, julgam de seu dever patriotico, enquadrar todas as suas lutas, todos os seus esforços, todas as suas realizações.

Não estamos, de modo algum, ao lado desses aterrados censores ou simples amigos do pranto e da lamentação. Poderíamos mesmo interromper aqui a serie de nossas conclusões, e nem por isto nos arrependeríamos, com a certeza de só nos termos valido, até agora, das observações em favor do nosso optimismo quanto ao que somos, actualmente em relação ao que éramos. Mas não nos tememos das nuvens que também avistamos, mais ou menos escuras e tristes de aspecto mais ou menos ameaçador, sob o claro e firme azul destes céos.

Sabemos e já a elles de passagem nos referimos, que ha graves problemas a resolver no Brazil de hoje, implicando gravíssimos erros e funestíssimas tendências, que é preciso combater. A ninguém, verdadeiramente sensato e amante deste paiz, escapa que «é urgente se estabeleça, entre nós, mais rigoroso método de disciplina social». São de um escriptor muito moço também, o Sr. Tasso da Silveira, estas últimas palavras, e é assim que se completa o seu pensamento: «Não somos — diz ele — sustentados por invencíveis tradições seculares, como os povos da Europa. Relativamente fáiamos, somos frágeis ainda, inconsistentes em nossa estrutura íntima, para podemos fugir á dissolução, no caso de um abalo mais violento. E é por julgar assim, que eu instinctivamente anti-militarista, apoiarei em qualquer tempo todo projecto de organização militar, que domine a indisciplina nativa de nosso povo. E é por isto, principalmente, que vejo com bons olhos o esforço de alguns por guardar o espírito religioso da nossa gente, protegendo-o contra incursões de crenças e doutrinas diferentes daquellas em que a nossa alma se vem formando, e que constituem hoje a essencia do que somos, apesar de nós mesmos e de nossas duvidas».

Quando a mocidade assim fala, pode-se dizer que o bom senso já está muito vivo e forte no povo a que ella pertence. Mas não ha negar que só a Religião cathólica poderá, com vantagem, ajudar-nos a fazer com que desapareçam da nossa vida lastimáveis signaes de indisciplina social, que, aggravada acaso, a qualquer hora, poderá levar-nos á completa ruina moral, ao anniquilamento da unidade nacional, morte, portanto, do que dizemos com orgulho: o povo brasileiro.

De facto, no momento mesmo, em que tudo parece assegurar o triunfo cada vez mais sereno da Autoridade contra os tradicionais elementos de nossa indisciplina social — não da essencia do nosso proprio temperamento, como julgou o jovem pensador, que acabamos de citar, mas creada, sobretudo, pelo nosso contacto com os povos do Prata e a ação do voltaireanismo coroado da ultima phase do Imperio — neste momento, é que nos ameaça, com a exploração dos nossos últimos assomos de pessimismo liberalismo, uma certa cultura «nefatóque», infensa á idéa de Patria, ora apresentando-nos o sophisma recolonizador de duas patrias para un só povo (!), ora pugnando por que isto aqui se transforme em campo experimental de anarchismo em casa alheia..

É contra a primeira destas perigosas extravagâncias, que, previnindo-a, disse Alvaro Bonilcar: «as nacionalidades não se constituiram por meio de formulas vãs de sentimentalismo, e mesmo quanto aos individuos, postos no mais alto grão de moralidade e altruismo, ninguém tomará por prudente e avisado aquele que franquear a sua hospitalidade a parentes que pretendam mandar na sua casa, nos seus filhos e na sua fazenda mais do que o legitimo proprietário».

Foi contra a segunda que o governo mesmo do Sr. Epitacio Pessôa teve a gloria de resistir do modo mais patriótico, cortando-lhe cerce as garras mais cresidas e mais audazes, ao tempo em que um jurista também representante do novo espírito político que fecunda o Brazil, o Sr. Affonso Penna Junior assim nos falava sobre a maneira como devemos encarar uns tantos problemas a que ella de mais perto, se liga:

«Procurae — dizia elle aos bacharelados de 1920 em Belo Horizonte — os meios convenientes de prophylaxia social com que se previna a installação definitiva do problema operario e as explosões libertárias que elle sempre acarreta».

Lembrai-vos, porém, de que a regulamentação legal do trabalho não se ha de inspirar precipuamente no interesse do operario mas, como toda a lei, tem em vista, acima de tudo, o interesse social: isto é todos os indispensaveis e respeitaveis factores envolvidos no problema». E ainda sobre o assumpto é delle a citação destas admiraveis palavras de José Enrique Rodó, o penetrante pensador uruguayo:

«Uma tendência irresistivel, inclinará sempre a todos os espíritos nobres em favor da parte menos afortunada ou mais fraca em qualquer conflito de paixões humanas. A causa do operario traz por isto em si mesma uma atração que independe do que haja de justiça em cada uma de suas reivindicações».

Mas, na tarefa de legislar, que não é obra da espontaneidade do individuo, simão cumprimento de una delegação da comunhão, essa inclinação individual tem que se subordinar ao respeito e equidade devidos a todos os interesses legítimos, de cuja articulação harmonica promana a ordem social, e cujo equilíbrio compete aos órgãos do poder publico o manter com a alta imparcialidade de quem sobre-pairá ás competições de classes.

E cumpre ajuntar-se a essa consideração de dever e de responsabilidade una outra inspirada em um sentimento de justiça; e vem a ser que, si ha um genero de capital que mereça particular respeito, é este, sem duvida, o capital empregado na industria; porquanto, longe de subtrair-se com pusilanimidade e avareza ao movimento da vida, para grangear um beneficio sem riscos, representa um espírito de iniciativa e emprehendimento, que contribue para o fomento dos interesses geraes afrontando, não raro, a contingencia da ruina».

São estes, pois, meus amigos, os conselhos do bom senso, da sá politica patriótica, ao Brazil de hoje. Se os seguir, certamente os nossos motivos de esperança na sua grandeza, em face do mundo, e sobretudo, do alto destino humano que é evidente. Deus lhe traçou como um dos fins a que pôde chegar a sua livre vontade — certamente, digo, serão amanhã esplendidas realidades. Vigor de mocidade não nos falta. É preciso sómente que corrijamos os erros da nossa educação social de cincuenta annos a esta parte. Como vos disse não se tem feito pouco neste sentido, de alguns annos para cá. A consciencia jurídica do paiz já poude afirmar que a nossa propria «magna carta» política, não é nem pode ser instrumento de deschristianização do paiz. É preciso, porém, que ella venha a ser a garantia mesma do nosso christianismo, do amor que, como povo, como collectividade, como nacionalidade, devemos á Egreja cathólica vinculo moral e sobrenatural da vida de todas as gerações brasileiras, hoje ainda, como hontem, como sempre, afinal, refugio de toda a humana dignidade, de toda consciencia verdadeiramente livre — e só o é aquella que, individual ou collectiva, informa toda a ordem pratica de sua vida, da certeza de que «originiariamente, o direito nasce do dever».

JACKSON DE FIGUEIREDO.

O
thromo
gence» C
rei não
aristocra
verno.

Ha
heredita
problema
essas de

Ron
electiva
to á a
a melhe
no que
o é ca

Reu
forma
ter, co
de vinte
pesta
governo
hemens
aspiran
tado; n
muito r
outro l
pre ce
nador
cado ad

Pen
eracia
«povo»
monarch
«Está i
niencia,
o mais
efecto,
vernar
que na
é timid
descont
a culp

É
eracia
não ob
termina
as suas
elle nã
entretan
de mon
um po
ser ma
examina
defeitos

Es
gnifica
tre aff
é ella
plicação
logia
Maistre
da sua
que é
elle es
verno;
publica
express

Qu
grande
ções d
Grenov
nada,
do co
sbrilho
sempre